

**O Velho**  
**Marta Russo, Portugal**

Tenho um candeeiro de mesa no meu consultório. O abajur é bege e a base é de vidro azul, de forma redonda. Nessa base, vejo refletida a minha imagem, sentado de frente para o candeeiro etambém vejo o meu divã. A constante sou eu: figura magra e cada vez mais baixa, com o peso dos anos que me entortaram e encurtaram ligeiramente a coluna vertebral. O cabelo branco perde a cor, misturada no reflexo azul; poderão ser ondas do mar? O meu semblante não se percebe, já que o reflexo é ligeiramente distorcido pela forma do vidro, abaulado, redondo. Mas acredito que esteja maioritariamente sério. Já dentro da minha mente, o reflexo que pode vir de lá são as minhas palavras, que vou escolhendo, de entre tudo o que me ocorre na presença de outros. E também na ausência.

Que mais vejo no vidro azul? Vejo várias outras mentes, sinto a sua presença expressa nos corpos que se deitam no divã. Ouço e vivo com eles, o emaranhado das suas mentes. Vamos fazendo percursos em conjunto. Tantas, tantas horas que passo ali de frente para o vidro azul abaulado.

Uma rapariga nova diz que não suporta não saber, que as dúvidas lhe assolam a cabeça, que não para durante horas do dia e da noite. Porque não tenho respostas para ela, pergunta-me. Será que tenho, ou nunca terei? Jamais poderei entender, diz ela. Sou um homem, na nossa diferença etária e de género, ela julga nunca encontrar o colo materno que lhe falta, a identificação poderosa que nos remete para uma igualdade reconfortante, mas que inibe o crescimento. Poderei eu realmente entender, suportar... já suportei tanto.

Às vezes tenho um miudito de 8 anos. Saltita pela sala, brinca. Só se reflete, quando para em frente ao vidro azul e faz caretas. Aqui pode ser quem ele quiser, este homem velho ouve e diz uma ou outra frase, apesar das infinitas perguntas que me dirige: vais morrer em breve? Quantos filhos tens? Estás cansado? O meu pai está.

O sol já se pôs há algumas horas. É tempo de ir para casa. Chego na penumbra e só acendo um candeeiro de mesa. Este não tem vidro, nem é azul. Amanhã o outro me espera, com a minha constante e as variáveis das outras presenças. O que jantam os homens velhos? Uma sopa e uma bucha. Não sei se sou velho na cabeça; acho que não. A minha cabeça está cheia de pensamento, está viva, parece o vidro do candeeiro, que reflete a mente dos outros, e também a minha mente e que transforma o que vemos em algo que podemos sonhar. Distorcido, mas com luz, com espaço interno, aquele candeeiro mostra o que faço todos os dias. Há tantos anos.

Deito-me, esperando sonhar. Nunca perco o hábito e o prazer de o fazer. Mas poderei aguentar os ataques que ainda aí vêm? Internos e do interior dos outros, os tais do meu divã.

Já estou de novo sentado em frente ao candeeiro, o que vai refletir hoje?

Um homem diz-me que não sabe se foi talhado para fazer o mesmo que eu. Tanta incerteza sobre esta arte de escutar. Eu penso que ele está no caminho certo, especialmente, porque se põe a pensar. É certo, o caminho é uma linha de fogo. Vamos olhando para ele, até que a visão não doa. Talvez possamos amenizar a dor da queimadura, com a água azul que imagino vir do meu candeeiro. Ali está ele - no reflexo, apenas vejo o topo da cabeça dele e as suas mãos que podem ajudar a expressar o que a voz não entende ainda.

Um dia, fiquei com o consultório vazio. Só estava eu no reflexo do candeeiro. O divã não mostrava cabelos louros, castanhos, nem tão pouco, ralos. Estava vazio. Eu escutava um telefone, por vezes um computador, apesar de não gostar dele. Mas como podia eu não estar, mesmo com esta forma tão estranha de estar? Eu ia na mesma para a minha sala, olhava-me no reflexo, ouvia as mesmas mentes e tentava conter as angústias que também me assolavam. Juntei à sopa e à bucha, o som das notícias, a cada noite, assistindo à luta da humanidade contra uma violenta e microscópica ameaça.

Foi mais uma ameaça do mundo externo, que tivemos que integrar, cada um com o seu mundo interno. Mas hoje já voltaram os reflexos no meu azul do mar, que acompanham o meu próprio mundo interno.

Este velho, um pouco mais curvado, com a mente pronta, disponível, disposta a sonhar.

Mais uma paciente, hoje. É uma mulher madura e não tem filhos, que tanto deseja. A sua mentecria as fantasias do bebé que quer ainda ter. Vai reparando as suas falhas, com o que podemos criar entre os dois, bebés sonhados, a sua própria infância revivida e as feridas internas que vão ficando menores. Diz-me que sente que chegámos perto do fim. Concordo. Ela tem dentro dela a nossa relação, pode-me levar e seguir a sua vida. Já não irei vê-la discretamente refletida no meu candeeiro azul, mas o reflexo vai dentro dela e ficará também para sempre dentro de mim. Todos os momentos que passámos neste espaço, transformaram-na e também a este velho. Soutocado por todos os que passam pelo meu divã.

Chega mais um fim de dia. Por hoje não penso mais, estou cansado. Irei sonhar?